

FAMÍLIA, GERAÇÃO E RELAÇÕES DE CUIDADO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Carine de Miranda Santos¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal analisar o papel do cuidado presente na convivência familiar contemporâneas, mais precisamente entre pais, mães e responsáveis em relação aos seus filhos (as) adolescentes. Através de uma revisão bibliográfica, evidenciamos os trabalhos de teóricos que contribuem direta ou indiretamente para uma maior compreensão sobre os conflitos enfrentados pelas famílias no cumprimento do cuidado e da proteção de seus filhos (as) na sociedade atual. Entre diversas questões, revisitamos o lugar social da família na função do cuidado; tratamos do conceito de geração e do quanto a vida contemporânea dificulta os relacionamentos entre pais e filhos(as); além de buscarmos compreender quais os novos riscos oferecidos pela sociedade atual que geram uma complexidade ainda maior nas relações de cuidado no ambiente familiar. Consideramos que a alta modernidade defendida por Anthony Giddens é marcada por uma cultura repleta de novos riscos. A sociedade atual reduz o risco geral de certas áreas e modos de vida, mas ao mesmo tempo introduz, novos parâmetros de risco, pouco conhecidos ou, inteiramente, desconhecidos em épocas anteriores. Esse desconhecimento faz com que pais, mães e responsáveis, até bem intencionados, negligenciem o papel do cuidado em relação aos seus filhos.

Palavras-chave: Família. Cuidado. Geração. Adolescência. Riscos contemporâneos.

ABSTRACT

This article's main objective is to analyze the role of care present in contemporary family life, more precisely between fathers, mothers and guardians in relation to their adolescent children. Through a bibliographical review, we highlighted the works of theorists that contribute directly or indirectly to a greater understanding of the conflicts faced by families in caring for and protecting their children in today's society. Among several issues, we revisit the social place of the family in the care function; we deal with the concept of generation and how much contemporary life makes relationships between parents and children difficult; in addition to seeking to understand which new risks are offered by today's society that generate even greater complexity in care relationships in the family environment. We consider that the high modernity defended by Anthony Giddens is marked by a culture full of new risks. Today's society reduces the general risk of certain areas and ways of life, but at the same time introduces new risk parameters, little known or entirely unknown in previous times. This lack of knowledge causes fathers, mothers and guardians, even well-intentioned ones, to neglect the role of care in relation to their children.

Keywords: Family. Careful. Generation. Adolescence. Contemporary risks.

RESUMEN

El principal objetivo de este artículo es analizar el papel del cuidado presente en la vida familiar contemporánea, más precisamente entre padres, madres y tutores en relación con sus hijos adolescentes. A través de una revisión bibliográfica, destacamos los trabajos de teóricos que

¹ Doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Professora de Sociologia na Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

REVISTA VERITATI

contribuyen directa o indirectamente a una mayor comprensión de los conflictos que enfrentan las familias en el cuidado y protección de sus hijos en la sociedad actual. Entre varias cuestiones, revisitamos el lugar social de la familia en la función de cuidado; abordamos el concepto de generación y cuánto la vida contemporánea dificulta las relaciones entre padres e hijos; además de buscar comprender qué nuevos riesgos ofrece la sociedad actual que generan aún mayor complejidad en las relaciones de cuidado en el ámbito familiar. Consideramos que la alta modernidad defendida por Anthony Giddens está marcada por una cultura llena de nuevos riesgos. La sociedad actual reduce el riesgo general de determinados ámbitos y modos de vida, pero al mismo tiempo introduce nuevos parámetros de riesgo, poco conocidos o totalmente desconocidos en épocas anteriores. Esta falta de conocimiento hace que padres, madres y tutores, incluso los bien intencionados, descuiden el papel de cuidado en relación con sus hijos.

Palabras clave: Familia. Cuidadoso. Generación. Adolescencia. Riesgos contemporáneos.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca através de uma revisão bibliográfica uma maior reflexão sobre o cuidado presente nas relações familiares contemporâneas, mais precisamente entre pais, mães e responsáveis em relação aos seus filhos (as) adolescentes. Compreendemos que a vida cotidiana a qual nós pesquisadores(as) fazemos parte, oferece-nos muitos elementos que alimentam os nossos questionamentos a respeito da vida social. Entre tantas inquietações, pensamos nos papéis desempenhados pelos sujeitos, pelas instituições sociais às quais fazemos parte e toda uma dinâmica social que interfere, profundamente, na construção dos indivíduos ao longo da vida.

Neste trabalho, temos como objetivos principal, refletir sobre o papel da família no cuidado dos seus filhos(as) adolescentes diante de uma sociedade cada vez mais desafiadora. Entre outras questões discutidas, revisitamos o lugar social da família no papel do cuidado e da proteção dos seus filhos adolescentes; discutimos o conceito de geração e sobre o quanto os conflitos pertencentes à vida contemporânea dificultam os relacionamentos entre pais e filhos; além de buscarmos compreender quais os novos riscos em que a adolescência contemporânea está exposta.

Pensar no papel do cuidado entre pais e filhos adolescentes, não significa avaliar criticamente como está a capacidade desses sujeitos no desempenho dos papéis sociais de pai, mãe e cuidadores, a nossa intenção vai muito além desse lugar. Buscamos evidenciar a importância das relações de cuidado no desenvolvimento dos adolescentes. Consideramos que a sociedade contemporânea oferece inúmeras demandas para a família como um todo, e muitas vezes, os sujeitos que exercem a

REVISTA VERITATI

função de pais, mães e responsáveis, não conseguem dar conta do desempenho do cuidado. Como podemos pensar no cuidado de crianças e adolescentes se os responsáveis não estão preparados para lidarem com as demandas da sociedade atual? Espera-se que a família represente para o adolescente um ambiente de intimidade e afeto, em que possam encontrar compreensão, refúgio e proteção, contudo, percebemos que as novas formas de sociabilidade geram impactos profundos nos relacionamentos familiares e, conseqüentemente, nas relações de cuidado.

Para uma maior organização das ideias apresentadas, dividimos este artigo em dois capítulos: o primeiro, intitulamos de “A família como a primeira instituição social do cuidado”, em que tratamos do conceito de cuidado, da família como instituição social fundamental na segurança e cuidado dos filhos (as), além dos desafios a respeito do tornar-se adolescente na sociedade atual; no segundo capítulo, “Adolescência e os novos riscos gerados pela sociedade contemporânea” refletimos sobre quais são as novas demandas e riscos sociais em que a adolescência está exposta a partir de teóricos que discutem as características sociais, econômicas e culturais da sociedade atual. Pensamos sobre o quanto o nosso atual modelo de sociedade impacta nas relações entre os indivíduos, na construção das suas subjetividades e papéis sociais, interferindo diretamente nas relações de cuidado familiar.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A FAMÍLIA COMO A PRIMEIRA INSTITUIÇÃO SOCIAL DO CUIDADO

Iniciamos este capítulo destacando o conceito de “cuidado”. Segundo o Dicionário Online de Português, “cuidado” significa demonstração de atenção, cautela, prudência, zelo, preocupação, responsabilidade. O conceito de “cuidado” é multifacetado e pode ser abordado de diferentes perspectivas dependendo do contexto em que é aplicado. Em termos gerais, o cuidado refere-se a um conjunto de ações e atitudes voltadas para o bem-estar e o suporte de outra pessoa ou de si mesmo, quando tratamos da compreensão sobre o autocuidado. Pensando em algumas dimensões sobre o significado de cuidado, podemos citar o cuidado pessoal,

REVISTA VERITATI

interpessoal, familiar, profissional, social, e outras tantas perspectivas. Neste artigo, evidenciamos o cuidado da família em relação ao sujeito adolescente. Pensar no cuidado na perspectiva da família, pode representar uma reflexão sobre a relação entre pais, mães e responsáveis por crianças e adolescentes diante de uma obrigação legal. Cabe à família obrigações que giram em torno do sustento, educação, garantia de saúde e de bem estar social.

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a família deve oferecer o bem-estar e o desenvolvimento das crianças e adolescentes. São papéis principais da família conforme o ECA: responsabilidade pela proteção e cuidados; educação e formação moral; promoção do bem-estar; participação no processo educativo; encaminhamento para a justiça e proteção. O ECA reforça a importância da família como o núcleo central no desenvolvimento das crianças e adolescentes, destacando a necessidade de um ambiente familiar saudável e protegido para que eles possam crescer e se desenvolver plenamente. A família é uma instituição social fundamental para a inserção dos indivíduos na cultura a qual fazem parte, portanto, ela deve ajudar no bom funcionamento da sociedade.

A garantia de todas essas necessidades das crianças e adolescentes representaria a vida familiar ideal, o que quase sempre não corresponde à realidade. A família parece sempre ocupar o lugar da insuficiência em algum aspecto da vida dos seus membros. Essas faltas podem girar em torno de questões educacionais, econômicas, políticas e culturais; carências gigantescas que chegam a comprometer a segurança física e emocional de crianças e adolescentes. Sabemos da importância de todas essas formas de cuidado e de proteção, contudo, neste artigo, gostaríamos de evidenciar a importância do cuidado relacionado às demandas e riscos sociais contemporâneas. Pensamos na família como mais uma instituição social que se encontra perdida diante dos conflitos e riscos que a sociedade atual oferece para todos os indivíduos, mas principalmente para às crianças e adolescentes, ou especificamente, neste trabalho, para os sujeitos adolescentes. No capítulo seguinte abordaremos com mais detalhes a respeito dos conflitos e riscos oferecidos pela sociedade contemporânea.

Tornar-se adolescente por si só, já representa uma fase de conflito e de exposição a maiores riscos. “Adolescer” significa crescer, desenvolver-se, tornar-se jovem. A adolescência é compreendida como uma fase de transição da infância para

REVISTA VERITATI

a vida adulta, caracterizada como um período de muitas transformações físicas e emocionais que provocam conflitos e angústias. Atualmente para a Organização Mundial da Saúde (OMS) a adolescência é compreendida entre a faixa etária de 10 e 19 anos e a juventude entre os 15 e 24 anos.

Estabelecer recortes históricos sobre as formas de “adolescência” ou “tornar-se adolescente” não é uma tarefa fácil, sobretudo, por compreendermos que essa é uma categoria analisada somente a partir da modernidade, com raras referências de épocas anteriores. Diversos estudos relacionados à adolescência já mencionaram a dificuldade em conceituar o termo, contudo, é reconhecido em grande parte desses estudos que a compreensão sobre as diferentes fases da vida precisa levar em consideração as diversidades culturais, assim como, os períodos históricos. Segundo Le Breton (2013), antes que se possa fazer referência a um sujeito adolescente é possível observarmos algumas marcas iniciais que vão delineando a diferença entre gerações e inaugurando esse novo lugar ou sentimento no laço social.

Na Idade Média a infância e a adolescência não eram reconhecidas, para Ariès (2017) essa tese é comprovada por conta da ausência de objetos pessoais, vestimentas, além da idade não ser registrada e considerada como nos dias atuais. Para Coutinho (2009), a base de diferenciação da fase da infância só surgiu com as transformações das estruturas sociais nos fins do século XIX. Com o tempo a adolescência foi assumindo papéis sociais diferentes da infância, ao mesmo tempo em que surgiram expectativas para que, a partir de uma certa idade, assumissem a posição e deveres sociais adultos. Cada sociedade é caracterizada sobretudo por sua cultura que serve como fator de identificação e percepção de valores, costumes e crenças. As normas e as expectativas culturais ajudam a determinar a natureza da adolescência em cada sociedade.

Genep (2011), apresenta o rito de passagem como um fenômeno composto de fases de separação e de incorporação às novas sociabilidades. O ritual de passagem seria um período intermediário e temporário de incerteza e de crise, isto é, um interstício que possibilita o indivíduo a refletir sobre a sua existência na sociedade. Representa uma fase de instabilidade, de inseguranças pela falta de um lugar social específico. A trajetória do sujeito estaria permeada de interrupções e de passagens de uma posição social para outra. A experiência do indivíduo isolado do grupo passou

REVISTA VERITATI

a ser um referencial para uma mudança de status social. O “rito de puberdade” representa essa transição social e está presente em diferentes épocas e culturas.

Ao contrário das sociedades tradicionais, a vida atual tem se afastado cada vez mais das tradições e valores locais, passando a projetar uma nova forma de ser e conviver entre os indivíduos. Formas de vida que contribuem para a instabilidade na construção das subjetividades dos sujeitos. Não estamos com isso afirmando que nas sociedades tradicionais não haviam conflitos, estamos afirmando que na sociedade contemporânea existe uma fragmentação dos interesses de grupo, deixando cada indivíduo entregue às suas próprias demandas e conflitos.

Essa nova configuração contribui para a instabilidade das relações interpessoais, contribuindo, dessa forma, para uma maior fragilidade emocional da sociedade como um todo, mas, principalmente, entre adolescentes por não possuírem certos repertórios sociais e referências culturais. Uma realidade que gera mudanças nas relações e emoções emitidas pelos adolescentes do nosso tempo. Segundo Bauman (2004) um mundo baseado em uma multiplicidade de referências que se transformam a todo o momento, faz com que o sujeito se sinta “solto”, sem pertencimento social. Nos referimos a um modelo de sociedade que tende a aumentar os conflitos já presentes na adolescência, acentuando a sensação de isolamento, de insegurança em relação ao futuro e uma dificuldade cada vez crescente do fortalecimento de laços sociais e familiares.

2.2 ADOLESCÊNCIA E NOVOS RISCOS GERADOS PELA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O acelerado fluxo de transformações tecnológicas, econômicas, sociais e culturais repercutem nas relações estabelecidas entre as pessoas de diferentes gerações. Nos perguntamos de que modo a intensidade das transformações sociais contemporâneas afetam as relações de cuidado entre pais e filhos, separados por experiências geracionais diferentes? O uso do termo geração em contraposição à categoria idade, destacando o caráter subjetivo da construção da experiência de pessoas de diferentes idades.

REVISTA VERITATI

Para Mannheim (1982), a geração reúne pessoas que nascidas numa mesma época, vivenciam os mesmos acontecimentos históricos e partilham de uma mesma experiência histórica. Essa experiência comum dá origem a uma consciência que permanece presente ao longo do curso de suas vidas, influenciando a forma como os indivíduos percebem e experimentam novos acontecimentos. Ainda segundo Mannheim, as pessoas que fazem parte de uma mesma geração também estão ligadas umas às outras, mesmo que não o saibam, não o queiram e mesmo sem se conhecerem. O fato de pertencerem a uma determinada geração torna os indivíduos predispostos a pensar e experimentar o mundo de um modo característico. Isso, de certa forma, pode explicar os conflitos entre adultos e adolescentes em diferentes âmbitos relacionais, inclusive nas questões relacionadas às demandas do cuidado. É comum ouvirmos os argumentos de familiares que afirmam que no passado as crianças e adolescentes eram mais obedientes, não possuíam certos estilos de vida e gostos culturais.

Além da questão geracional descrita acima, segundo Sarmiento (2005), jovens que hoje tem vinte anos podem experimentar de forma diferente acontecimentos atuais, dependendo da classe social a que pertença, do fato de se tratar de um homem ou de uma mulher, de ser branco, negro, indígena, etc. Ou seja, a experiência geracional depende também de particularidades encontradas em cada universo cultural mais específico de cada geração. Debert (1998), afirma que não se refere a pessoas que compartilham a mesma idade, mas às que vivenciam determinados eventos que definem trajetórias passadas e futuras gerando uma consciência que permanece presente ao longo de suas vidas, influenciando a forma como os indivíduos percebem e experimentam novos acontecimentos.

Neste segundo capítulo, buscamos refletir sobre as novas demandas de cuidado que surgem a partir do modelo de sociedade atual. Anthony Giddens (2002) afirma que a modernidade representa a cultura do “risco”. Segundo ele, a alta modernidade reduz o risco geral de certas áreas e modos de vida, mas ao mesmo tempo introduz, novos parâmetros de risco, pouco conhecidos ou inteiramente desconhecidos em épocas anteriores. O mundo que Giddens chamo de alta modernidade é, segundo ele, apocalíptico, não por conta da calamidade, mas porque introduz riscos que gerações anteriores não tinham que enfrentar. Armas nucleares,

REVISTA VERITATI

catástrofes ecológicas, estados totalitários, um mundo com experiência unitária com novas formas de fragmentação e dispersão.

A alta modernidade representa uma ordem em que as certezas da tradição e do hábito foram substituídas pela certeza do conhecimento racional. Para Giddens, nesta sociedade tudo passa pela necessidade da reflexividade, o sentido do “Eu” é construído reflexivamente, longe das certezas da tradição. O “Eu” ou “auto-identidade” é construído longe da comunidade, bombardeado de informações, de inúmeras referenciais existenciais e muitas vezes, distante do que chamamos neste artigo de “cuidado familiar”. Não estamos apenas tratando do cuidado do provimento alimentar, da moradia e das necessidades encaradas como básicas, estamos falando de um cuidado direcionado às novas demandas sociais, ou seja, na proteção da exposição aos novos riscos a que os adolescentes estão sujeitos. A reflexividade do “Eu” longe do cuidado familiar, gera ainda mais angústia, medo e sensação de solidão. Não podemos perder de vista que esta alta modernidade analisada por Giddens, tente a integrar a reflexão sobre a “auto-identidade” às crises sociais e institucionais como um todo.

E qual o lugar dos pais, mães e responsáveis diante dessas novas demandas por cuidado geradas pela alta modernidade? Estamos falando de sujeitos que também se sentem perdidos no desempenho do papel de cuidar diante desses desafios contemporâneos. A família e as instituições sociais vistas como tradicionais, como a igreja e a escola, deixam de ser o único referencial para os adolescentes. Na alta modernidade encontramos influenciadores digitais; amigos virtuais; redes de jogos; a acentuação de padrões de beleza inalcançáveis; inteligência artificial e o acesso fácil a uma série de informações fragmentadas, soltas, desconexas. Estamos diante de uma realidade pesada demais para um (a) adolescente em formação. O resultado de todos esses excessos se apresenta na forma de isolamento social, automutilação, agressividade, baixo interesse pelos estudos, incerteza em relação ao futuro, tristeza, ansiedade, depressão e suicídio.

As famílias compreendem que os adolescentes necessitam de novos cuidados, mas não conseguem encontrar caminhos que garantam a proteção desses sujeitos diante de todas as atrações no cotidiano. Todos os que vivem nas condições da modernidade são afetados pelas incertezas em relação às ações e decisões referentes ao cuidado. O adolescente frequentemente busca mais liberdade para

REVISTA VERITATI

tomar decisões sobre a sua própria vida, o que pode criar tensões nas relações familiares. Liberdade que não está fora de casa, na alta modernidade os adolescentes tem acesso a um mundo de riscos dentro de seus quartos através do acesso à internet. A crescente presença de dispositivos digitais e redes sociais na vida dos adolescentes deve gerar preocupações sobre sua privacidade e segurança online e na vida real. Para os cuidadores não basta a proteção do que pode estrar nas “ruas”, o risco está dentro de casa.

A sociedade contemporânea fortalece um discurso de liberdade de escolhas, contudo as cobranças sociais, o excesso de estímulos e diversas possibilidades de existência, termina por gerar uma espécie de colapso interno no adolescente que se sente incapaz de dar conta de tantas demandas, desejos e necessidades. O que parece ser um elemento motivador, pela variedade de gostos, tendências, formações, possibilidades de escolhas para o futuro, termina gerando uma espécie de paralisia. As experiências de fracasso nos estudos, os conflitos relacionados a sexualidade, as demandas de trabalho, as fragilidades nas relações interpessoais e do cuidado familiar têm favorecido o crescimento das crises de ansiedade e depressão na adolescência. Segundo Hartmut Rosa (2019), o excesso de estímulos contemporâneos gera uma pressão por respostas e decisões rápidas. Respostas estas que os adolescentes e seus familiares não estão dando conta de encontrar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse estudo consideramos que o cuidado entre a família e o adolescente na contemporaneidade é moldado por uma série de fatores alimentados por um novo modelo de vida pautado no acelerado fluxo de transformações tecnológicas, econômicas, sociais e culturais que repercutem nas relações estabelecidas entre as pessoas de diferentes gerações. Redes sociais, mundo digital, riscos da internet, autoisolamento, violências de várias ordens, crises de identidade, entre outras realidades vividas pelos adolescentes, fogem ao controle do entendimento dos familiares. São demandas que as famílias não sabem lidar.

Estamos diante de uma cultura que contribui para que as instituições sociais que possuíam funções e espaços bem definidos socialmente, a exemplo da família, desconheçam os seus papéis, ampliando a crise no cuidado e na proteção entre seus

REVISTA VERITATI

membros. Um mundo com tantas possibilidades só tende a aumentar os conflitos já presentes na adolescência, acentuando a sensação de isolamento, de insegurança em relação ao futuro e uma dificuldade cada vez crescente do fortalecimento de laços familiares e sociais. Concluimos este artigo conscientes de que os(as) adolescentes precisam de espaços seguros para se desenvolverem, os modelos de vida construídos na atualidade, destroem parcialmente o sentimento de confiança, de solidariedade e de sociabilidade tão importantes para conter a violência e o sentimento de solidão entre os sujeitos.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flakman. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRASIL. *Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 12 set. 2021.

COUTINHO, L. G. *Adolescência e errância: destinos do laço social contemporâneo*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2009.

DEBERT, Guita. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Lins de (org.). *Velhice ou terceira idade?*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

DICIO. *Dicionário online de Língua Portuguesa*. Porto: 7Graus, 2024. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cuidado/>. Acesso em: 29 ago. 2024.

GENNEP, Arnold van. *Os ritos de passagem*. Trad. Mariana Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2011.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LE BRETON, David. *Uma breve história da adolescência*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MANNHEIM, Karl. A questão das gerações. In: FORACCHI, Marialice M. (org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982. p. 67–95.

REVISTA VERITATI

ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transição das estruturas temporais na Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 1157–1178, 2005.